

MUSEU DA PESSOA

História

Tião Lanterneiro - Meu pai, meu herói

História de: [Alba Cristina Portella Eufrazio de Moura](#)

Autor: [Alba Cristina Portella Eufrazio de Moura](#)

Publicado em: 01/04/2007

História completa

SEBASTIÃO JONILDO RANGEL EUFRÁSIO “TIÃO LANTERNEIRO” Nascido em Bom Jesus do Itabapoana, região norte do Rio de Janeiro, divisa com o Espírito Santo, aos oito anos de idade aprendeu a confeccionar conchas e espumadeiras em alumínio, que vendia pelas ruas da cidade. Aos onze anos começou a trabalhar na metalurgia, como ajudante de lanternagem. Um ano depois, já fazia suas próprias ferramentas se revelando um exímio lanterneiro em sua terra natal. Já começava a questionar o Capitalismo ou seja, a exploração do homem pelo homem. Aos doze anos era o primeiro pistão da banda de sua cidade e com o dinheiro ganho por ele a família veio para a cidade do Rio de Janeiro. Foram morar na favela do Caju, onde, na época, tinha o Cais do Porto. Nesse local trabalhou em vários ramos de atividades (engraxate, carregador, etc). Sempre demonstrando sua capacidade de liderança para levar seus companheiros de trabalho a lutar por seus direitos. Antes mesmo de atingir a sua maioridade voltou a trabalhar como lanterneiro, já organizado em seu sindicato e como militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro), iniciando sua árdua luta em busca de uma sociedade mais justa. Teve quatro paixões fulminantes em sua vida: A luta pelos direitos dos trabalhadores e humanos; Seu Fluminense; Sua esposa D. Elza Portella Eufrásio; Os filhos. Na década de 1950, já casado com D. Elza, foi admitido como lanterneiro na FNM (Fábrica Nacional de Motores), sendo ativista, delegado sindical, liderando os trabalhadores na inesquecível “FENEME”, então orgulho dos trabalhadores. Sua luta era constante em defesa da classe operária e despontava como incontestável sua liderança, quer na atividade sindical, quer na militância política do PCB, onde tratava também uma luta sem trégua pela emancipação do proletariado. Em 1964, foi preso pelas lideranças do Golpe Militar e durante quase um ano foi torturado psicologicamente pelos homens da Ditadura Militar, que julgavam como crime a defesa dos trabalhadores oprimidos. Foi colocado em liberdade vigiada, os militares seguiam todos os seus passos, visando obstruir os caminhos de sua luta, ou ainda encontrar uma oportunidade de prendê-lo novamente e aí encontrar uma justificativa para dar-lhe um fim parecido como o de tantos outros militantes que ficaram depauperados, loucos ou que não foram encontrados até hoje por suas famílias. Não conseguiram. Nem uma coisa, nem outra. Mesmo perseguido, Tião jamais abandonou a atividade sindical, a luta pelos trabalhadores e a política. Voltou a trabalhar como lanterneiro em várias empresas, sempre sem registro, para não ser localizado pelo DOPS e sempre organizando a atividade sindical e a política. Em 1970 foi admitido pela então SANERJ (Saneamento do Rio de Janeiro) como lanterneiro. Começou praticamente do nada a organização sindical de seus novos companheiros. Não foi fácil, visto que ainda estávamos em plena Ditadura. Com a união dos Estados da Guanabara (hoje a cidade do Rio de Janeiro) com o Estado do Rio de Janeiro, houve a fusão da SANERJ pela CEDAG (Companhia de Águas do Estado da Guanabara) com o nome de CEDAE (Companhia de Água e Esgoto), onde o Tião Lanterneiro continuou sua luta. Foi o primeiro trabalhador a entrar na Justiça do Trabalho contra a CEDAE, organizou os trabalhadores para lutar por insalubridade e sua luta culminou com a filiação dos trabalhadores da CEDAE ao então Sindicato dos Trabalhadores Eletricitários e Gasistas, transformando-os no SINDICATO DOS URBANITÁRIOS, onde atuou em diversas áreas, sendo por último tesoureiro. Travou lutas diárias, que possibilitaria as primeiras conquistas dos cedaeanos, que até então eram burlados nos seus direitos. Hoje, todas as conquistas dos trabalhadores da CEDAE têm a marca inconfundível do inesquecível Tião Lanterneiro. Em 1989 travou a sua luta mais difícil. Mesmo sabendo ser portador de uma doença incurável, não se entregou e enfrentou à morte com a dignidade própria dos heróis. Nos seus momentos mais difíceis, nunca se esqueceu dos trabalhadores, mostrando-se mais preocupado em garantir as conquistas para seus companheiros do que com a sua própria vida. Em 20 de agosto de 1989 ele partiu para a eternidade, deixando como legado o exemplo de dignidade e luta que jamais será esquecido. (Texto redigido pelos companheiros do Sindicato pela ocasião de sua morte e revisado atualmente pela filha Alba Cristina Portella Eufrazio de Moura)